

Ciberespaço, espaços outros¹

Carolina Silva de MOURA²
Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO

Resumo

O presente artigo visa propor uma discussão acerca do ciberespaço como um ambiente marcado pela perspectiva dicotômica de inversão. Para isso, buscou-se por meio de revisão bibliográfica, levantar discussões acerca de conceitos pertinentes que visam elucidar objetivo em questão com base nas seguintes concepções: Rizoma e Desterritorialização (DELEUZE; GUATTARI, 2011), Teoria do Ator-Rede (LATOUR, 2012), Socialidade (MAFESSOLI, 1998), Cibersocialidade (LEMOS, 2002) e Heterotopia (FOUCAULT, 1984).

Palavras chaves: comunicação; rizoma; espaço; ciberespaço; heterotopia

Introdução

Em primeiro lugar, o estudo do espaço há muito tempo desperta o interesse de pesquisadores, geógrafos, filósofos e outros profissionais de diversas áreas do saber. De forma simultânea, no cenário globalizado as fronteiras têm sido rompidas, e o fluxo de informações intensificado pelo desenvolvimento e popularização das novas tecnologias da informação e comunicação. Tais elementos acentuam o processo de des-re-territorialização, o que, descontextualizou do ponto de vista físico, as relações sociais, culturais e mercadológicas.

A expressão ciberespaço surgiu pela primeira vez no romance *Neuromancer* de William Gibson publicado em 1984. Desde então, esse lócus vem se desenvolvendo em trama complexa dando origem a um novo imaginário cultural, a cibercultura, no qual, o prefixo ciber remete a um universo virtual, de modo que o ciberespaço é a dimensão da sociedade em rede, cuja comunicação opera de forma assíncrona possibilitada pela conexão dos computadores (LEMOS, 2002).

Para Pierre Lévy (1996) tal esfera é caracterizada por ser mais democrática e plural, uma vez que, ao contrário dos *mass media*, não se fundamenta na produção centralizada de informações, mas na inteligência coletiva distribuída por toda parte em tempo real e construída pela interação “todos-todos”. O aspecto em questão tem promovido a passagem

¹ Trabalho apresentado ao GP de Cibercultura do XVI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda em Mídia e Cultura na Universidade Federal de Goiás. Bacharela em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda pela Faculdade de Informação e Comunicação da UFG. E-mail: falecomcarolmoura@gmail.com

da sociedade do espetáculo³ (DEBORD, 1997) para a sociedade da informação marcada pela cibersocialidade, o que leva o ciberespaço a ser pensado como o ambiente das redes sociais cujas ações são baseadas na produção, distribuição e compartilhamento (LEMOS, 2002).

Esse processo tem causado impacto na concepção de espaço e tempo. Ainda na crise da modernidade, Giddens (1991) chamou tal fenômeno de desencaixe, ao se referir ao "deslocamento" das relações sociais em contextos locais de interação e sua reestruturação através de extensões indefinidas de tempo-espaço.

Assim, espaço e lugar se confundem no ciberespaço, universo singularizado pela cultura de liberdade e formas de expressão mais heterogêneas, configurando-se como uma alteração na produção tradicional da comunicação (CASTELLS, 1996). Lemos e Lévy (2010) reforçam a concepção do ciberespaço enquanto esfera pública plural, uma ágora virtual em que os indivíduos podem exercer a ciberdemocracia, legitimada pela aprendizagem coletiva. Em razão disso, o ciberespaço pode ser pensado como um ambiente de inversão da ordem, um âmbito que possibilita a manifestação da heterotopia⁴ (FOUCAULT, 1984).

Ciberespaço: socialidade, rizoma e ator-rede

Segundo Pierre Lévy o termo ciberespaço diz respeito não apenas a uma infraestrutura material que propicia a comunicação digital, mas todo o “o universo oceânico de informação que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo”⁵. Nele, há o desenvolvimento da cibercultura, uma forma sociocultural emergida a partir da associação entre a sociedade, a cultura e as tecnologias de base microeletrônica surgidas durante a década de 70 do século passado que permitiram a convergência da comunicação com a informática (LEMOS; CUNHA, 2003). A intensificação da cibercultura é condição primordial para expansão do ciberespaço, esta, por sua vez, orientada pelos princípios da inteligência coletiva, interconexão e o estabelecimento das comunidades virtuais⁶.

³ Para Debord (1997), o conceito se refere a uma sociedade cujas relações são mediadas pelas imagens.

⁴ Para Foucault (1984), as heterotopias são espaços em que determinada ordem é invertida.

⁵ LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999

⁶ Idem, *ibidem*.

A primeira característica do fortalecimento da cibercultura se alicerça no coletivo pensante apoiado na reciprocidade possibilitada pela comunicação “todos todos” que constrói uma inteligência distribuída por toda parte em tempo real (LÉVY, 1996). Já a segunda ocorre a partir do processo dialógico que acontece entre as conexões. As comunidades virtuais, terceira característica do dilatamento do ciberespaço, são determinadas com base em uma dinâmica de participação, cooperação e interação mediante o compartilhamento de afinidades e interesses (LÉVY, 1999), que se expressa na socialidade.

Essa, por sua vez, se funda no princípio da similitude dos grupos considerados secundários nos quais as uniões ocorrem em combinações ativas organizadas em redes de afinidades, que desconsideram relações institucionalizadas motivadas por aspectos políticos, econômicos, contratuais ou normativos, embasadas na sociabilidade. Ao contrário, os relacionamentos constituídos em socialidade são marcados pelo tribalismo, o presenteísmo, o hedonismo e o apelo estético em que a racionalidade dá lugar à experiência fugaz oriunda da passionalidade que foge às amarras sociais (MAFESSOLI, 1998). Lemos (1997), ao retomar a sociologia mafessoliana, apresenta que o ciberespaço promove a socialidade na medida em que acentua o aspecto gregário eletrônico desterritorializado cuja constituição acontece em torno das disposições semelhantes.

Nesse sentido, as relações desenvolvidas no ciberespaço são de natureza rizomática. A apropriação do conceito da biologia feita por Deleuze e Guattari (2004)⁷, diz respeito à perspectiva de oposição ao modelo arborescente de construção do conhecimento elaborado de forma hierárquica, cujas ligações são binárias e estruturais que permitem a reprodutibilidade. Os autores supracitados esclarecem os princípios que permitem entender o rizoma. Os dois primeiros são sua natureza heterogênea e conectiva, já que nele qualquer ponto pode ser interligado, algo capaz de promover o descentramento. De forma análoga, isso é reforçado por sua terceira premissa, a multiplicidade, tendo em vista que no rizoma “não existem pontos ou posições como se encontra numa estrutura, numa raiz. Existem somente linhas”⁸.

Em oposição à raiz pivotante, que na botânica é classificada por um eixo central ao qual todos os outros núcleos são convergidos verticalmente, a multiplicidade do rizoma o permite ser plano, horizontal. A natureza emaranhada lhe confere também sua quarta

7 DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**. Capitalismo e esquizofrenia 2, vol 1. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. - São Paulo: Editora 34, 2011, (2ª Edição). 128 p.
8 Idem, ibidem, p.24

característica: a de ruptura assignificante. Por causa dela, o rizoma pode ser fragmentado e retomado em qualquer posição por linhas de desterritorialização.

Tais princípios levam o supracitado conceito a sua quinta e sexta característica, o da cartografia e da decalcomania respectivamente. Ambas são complementares, dado que o rizoma funciona como um mapa que ao contrário do decalque, não é feito para ser reproduzido. Ademais, para Deleuze e Guattari (2011) o rizoma está na essência de devir, o que se aproxima do conceito de virtual de Pierre Lévy (1996) como aquilo que se opõe ao atual, ou seja, o virtual é aquilo que existe em potência. Cabe lembrar ainda que um elemento do ciberespaço que se opõe ao conceito rizomático é a lógica binária 0-1, refutada por Deleuze e Guattari, no entanto, os pontos de paridade são superiores.

Pensando nas novas tecnologias da comunicação, essa concepção remete à possibilidade de que as interações se constituam sem hierarquias, identificada pelas trocas e não apenas pela transmissão. Ao se observar por tal prisma, assim como o rizoma, o ciberespaço se constitui como um cenário acentrado, um complexo de intercâmbio sem uma ordenação central definido não pela repetição, tampouco pela difusão múltipla concebida de uma única origem, mas, sobretudo, pela circulação.

André Lemos (2002)⁹ reforça esse ponto de vista, ao esclarecer que aquilo que chamamos de novas tecnologias da comunicação, uma expressão do ciberespaço, surgiram por volta de 1975 a partir da aliança entre a telecomunicação analógica e a informática, o que possibilitou a veiculação de diversos formatos de mensagem através de uma única plataforma, o computador. Esse processo conduziu a mudança da passagem das mídias massivas para os canais individualizados de produção, circulação e armazenamento da informação, de modo que “aqui a circulação de informações não obedece à hierarquia de árvore (um- todos), e sim à multiplicidade do rizoma (todos - todos)¹⁰”.

Dessa maneira, no âmbito da comunicação, o ciberespaço articulou-se a uma passagem do modelo massificado (posterior ao modelo informal) ao modelo informatizado. O modelo informal revela as relações entre homem e mundo de maneira não apenas representada, mas incorporada à própria linguagem que se ancora nos aspectos mítico, simbólico e religioso. Já no paradigma massivo, a linguagem é automatizada. Ela não é o mundo, contudo, o expressa ao se dirigir às diversas comunidades presentes no espaço público. O modelo informatizado do ciberespaço, por sua vez, possui forma rizomática o

9 LEMOS, André. **Cibercultura**: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. - Porto Alegre: Sulina, 2002, 328 p.

10 Idem, *ibidem*, p.73

que funda uma dinâmica comunicativa assinalada pela livre circulação de mensagens heterogêneas que não são editadas, coletadas e distribuídas por um centro, mas sim criadas e dissipadas de forma transversal, aleatória, associativa, caótica, multidirecional, entrópica, coletiva e personalizada (LEMOS, 2002, p. 85), as quais chegam a um interlocutor interativo como consequência de seus interesses.

Assim sendo, o caráter fasciculado, múltiplo e heterogêneo do rizoma se assemelha a uma rede sem canais de entrada ou saída, uma vez que não existe hierarquização entre os elementos. Todos os componentes da rede são atores, tanto humanos quanto não humanos que permitem a objetificação do fenômeno. Nesse sentido, o processo se estabelece em constantes fluxos de diferentes sentidos que engloba múltiplos atores, os quais não fazem parte de uma só rede, e sim de variadas que se evidenciam por um contexto híbrido, o que remete à Teoria do Ator-Rede (LATOUR, 2012). Diante disso, é importante lembrar que na concepção desse conceito, Latour (2012) não se referia exatamente às redes digitais, uma vez que a palavra, nesse caso, não expressa “a coisa em si”, mas o conceito que permite uma descrição, ao passo que o termo ator indica a incerteza quanto à fonte da ação. Por esse motivo, ao se unir através do hífen ator - rede o sentido estabelecido é de movimento.

Isso quer dizer que a rede não é estrutura, porém a relação produzida entre actantes humanos e não humanos, ou seja, “não é o que conecta, mas o que é gerado pelas associações. Não é algo pronto, por onde coisas passam, mas o que é produzido pela associação ou composição de atores humanos e não humanos. Rede não é estrutura, mas o que é tecido em dada associação” (LEMOS, 2013, p.53). Por isso, na visão de Lemos (2013) essa teoria é apropriada para pensar a cibercultura, uma vez que promove o nivelamento entre atores humanos e não humanos, assim como sujeitos e objetos, natureza e cultura, e, portanto, também pode ser aplicada ao ciberespaço.

Ciberespaço e heterotopia

Não obstante, Foucault (1984) apresenta que pensar o espaço na visão ocidental não é algo próprio do tempo atual. Na Idade Média, por exemplo, a noção de espaço estava relacionada à polarização referenciada pelo local (urbano x rural, profano x sagrado), o que ele vai chamar de espaço de localização. Essa concepção foi iniciada por Galileu ao instaurar a ideia de espaço infinito e aberto no qual um local era um ponto em movimento, isso quer dizer, fazia referência à localização. A ideia de localização foi substituída pela de

posicionamento, cuja definição parte das relações de proximidade ou distância entre determinados pontos. Instaura-se aí para o autor uma discussão acerca da relação tempo x espaço, uma vez que esse último é um dos aspectos que conduzem a distribuição de elementos que dividem o primeiro.

Por outro lado, o filósofo reitera que, apesar da quebra de paradigma inaugurada por Galileu quanto ao pensar os espaços, nas sociedades contemporâneas eles não foram totalmente dessacralizados, tendo em vista que o ambiente ainda estabelece associações de oposição como “o espaço público e o privado, entre o espaço da família e o espaço social, entre o espaço cultural e o espaço útil, entre o espaço de lazer e o espaço de trabalho” (FOUCAULT, 2003, p. 214).

Todavia, o que interessa precisamente a Foucault e a esse trabalho são os espaços que se articulam com outros que contradizem, invertem ou neutralizam posicionamentos distintos, sua primeira condição. O autor os classifica em dois tipos: lugares utópicos e heterotópicos. As heterotopias são contra-posicionamentos, lugares que promovem uma contestação ou inversão, que ao contrário das utopias podem ser localizados. Embora haja heterotopias em todas as sociedades, ele pontua que nas primitivas prevaleciam as heterotopias de crise, destinadas a indivíduos que se encontravam em estado de perturbação. Ao poucos, as heterotopias de crise foram substituídas pelas de desvio.

Uma segunda característica desse tipo de lugar é que ele funciona de diferentes formas de acordo com as atribuições que a sociedade o dá. Além disso, as heterotopias promovem uma justaposição de vários outros posicionamentos, bem como provocam uma ruptura com o tempo tradicional (heterocronia), o que pode ser elucidado tanto pela acumulação de temporalidades, quanto por sua efemeridade. Outro traço da heterotopia são seus sistemas de abertura e fechamento e a criação de outros espaços, os quais o pensador intitula heterotopia de compensação.

Ao se pensar nisso, observa-se que o processo de inversão heterotópico no ciberespaço ocorre por diferentes formas. Ele pode funcionar, por exemplo, como uma heterotopia sexual, espaço que permite a emergência de novas identidades de gênero desvinculadas dos valores heteronormativos (ALÓS, 2010) que podem ser vislumbrados no cibersexo evidenciados em grupos, chats e blogs voltados às práticas sexuais que fogem ao convencionalmente aceito. Dessa maneira, o ciberespaço funciona como uma quebra de hegemonia na relação dicotômica entre feminino x masculino, heterossexual x homossexual.

Alós (2010) aponta que outra hegemonia perpassada pelo ciberespaço enquanto heterotopia virtual é a da linguagem escrita. Isso porque os modos de interação da internet, que privilegiam o aspecto da oralidade típicos de uma interação face a face, acontece na ausência de deixas simbólicas (THOMPSON, 1998)¹¹. Tal ponto, em consonância com a velocidade de troca nas mensagens, faz surgir nesse âmbito uma ortografia própria que conduz a criação de novos gêneros textuais, de maneira que, segundo Alós (2010, p.73) verifica-se “o influxo da linguagem digital na literatura como possibilidade de revitalização formal e estética, uma vez que as convenções da literatura são questionadas”.

Além disso, é presente nesses lugares virtuais o valor da entropia, pelo qual há uma transformação na função original do espaço. Dessa forma, os preceitos de convivência não são respaldados pelas regras e normas usuais (VALVERDE, 2009). Tal perspectiva vai de encontro à cibernsocialidade. Para Lemos (2002) as tecnologias do ciberespaço fazem emergir a socialidade na cibercultura contemporânea exemplificada pelas tribos formadas nas comunidades virtuais, marcadas pelo tempo presente e manifesto que promove a desagregação do indivíduo clássico ao tribal.

Suas plataformas favorecem a energia gregária ao vetorizar a comunicação. Tal aspecto corrobora para a ruptura com o uso racional da técnica objetivado na Modernidade. O que se percebe hoje é uma apropriação da tecnologia conduzida pela ética da estética (MAFESSOLI, 1998) valor substancial para os sujeitos que se integram na cibernsocialidade. Diante disso, nota-se a contraposição do ciberespaço ao espaço público, onde a convivência e os comportamentos são mediados pelas leis, normas e convenções. Enquanto lugar de inversão, a heterotopia do ciberespaço modifica esse arranjo privilegiando o valor do estar junto por interesses e afinidades.

Valverde (2009) aponta ainda que no espaço público a civilidade ajuda a definir os padrões de interação social, ao passo que nos espaços heterotópicos essa conjuntura acontece por meio das territorialidades. De acordo com ele, as propriedades do espaço ajudam a justificar as apropriações realizadas pelos atores e trocas, os quais não são estáveis tampouco exclusivos nas heterotopias. Tal aspecto se torna complexificado no ciberespaço, dado a ocorrência dinamizada da desterritorialização e reterritorialização, posto que a noção de território vem sendo enfraquecida desde a consolidação da globalização que permitiu trocas intensas entre contextos físicos diversificados.

¹¹ Informação subtendida que vem acompanhada pela mensagem principal, a qual pode ser percebida em aspectos como entonação de voz, expressões faciais etc.

Nesse quadro, as chamadas novas tecnologias da informação e comunicação marcam uma ultrapassagem das distâncias colocando em contato indivíduos de realidades distantes, além de possibilitar a vivência de eventos em outro lócus em relação ao ambiente presencial, transformando o cenário cultural, ideológico e mercadológico em multicultural e desenraizado. Associado a isso, na perspectiva de Haesbaert (2002) cinco elementos desencadearam a desterritorialização: 1º a suplantação de antigas dificuldades de localização; 2º o encurtamento de distâncias alteradas pela superação do espaço em relação ao tempo; 3º a emergência de relações imateriais; 4º a flexibilidade das fronteiras e 5º as hibridizações das referências culturais.

Essa descontextualização dos processos, em consonância ao fortalecimento das relações virtuais, dá a tônica da desterritorialização. De forma concomitante, criam-se novas fronteiras, as informacionais. Castells (1996) aponta para o fato de que o espaço de lugar (ambientes físicos) possibilita a existência do espaço de fluxo (ciberespaço) e dos territórios digitais, uma vez que ele abriga a infraestrutura da rede (cabos, satélites, etc). Outrossim, o ciberespaço altera a experiência frente a um território físico, por meio de aplicativos como o *Google Street View* em que o usuário pode fazer um percurso por determinadas regiões do planeta, entre outras plataformas de localização.

Isso porque para Deleuze e Guattari (2011), territorialização, desterritorialização e reterritorialização são fenômenos imbricados. O primeiro oferece uma linha de fuga que conduz os sujeitos ao segundo e, por conseguinte, a uma nova apropriação, o que o encaminha ao terceiro. Os autores apontam que a territorialização acontece a partir do agenciamento maquínico que versa sobre os corpos e o plano do conteúdo, em consonância com o agenciamento coletivo de enunciação que se refere ao plano dos signos partilhados e ao campo da linguagem e expressão. A desterritorialização se dá, portanto, ao romper esse agenciamento e abandonar o território que pode operar tanto no sentido da transcendência do mesmo e do *sócius* (desterritorialização relativa), quanto das ideias (desterritorialização absoluta). Ao se estabelecer o rompimento, novos agenciamentos são realizados que possibilitam a constituição de outros territórios (reterritorialização).

Frente a isso, as discussões que refletem a mobilidade no ciberespaço se ampliam. O nomadismo informacional é intensificado diante do desenvolvimento das tecnologias móveis em conjunção aos espaços inteligentes que favorecem a ubiquidade dos usuários. O espaço físico se torna assim um lócus de conexão, ambiente de transição da mobilidade e desterritorialização das fronteiras informacionais, um não lugar. Nesse contexto, a

dimensão pública versus privada é reconfigurada (LEMOS, 2005; 2006) formando a sociedade em rede que instaura um movimento dicotômico entre o espaço de fluxo e espaço de lugar, assim como a passagem das cidades industriais para as cidades informacionais (CASTELLS, 1999).

Em contrapartida, o território está, historicamente, articulado à percepção de poder. Com base nisso, no contexto do ciberespaço, nota-se o sistema de inserção e fechamento em conjunto com a necessidade do usuário precisar se submeter à concordância de protocolos, inserção de senhas e dados, o que favorece a vigilância, fortalecendo o controle por parte do Estado, bem como por empresas privadas (LEMOS, 2006).

No entanto, de forma simultânea, a cultura de liberdade no ciberespaço cria movimentos de contrapoder como é o caso dos ciberativistas. Esse lugar foi inicialmente usado para fins militares, mas sua expansão mercadológica somada à apropriação por parte dos sujeitos o transformou em um arranjo diversificado que se traduz tanto em espaço liso, como em rugoso. Autores como George Orwell previam que a tecnologia seria usada a serviço da dominação a partir da vigilância. Em 1984 o escritor explora a narrativa de uma sociedade vigiada por câmeras que atuam em prol da manutenção do líder. Desse modo, o ciberespaço funciona como um dispositivo inserido na sociedade do controle (DELEUZE, 1990).

Ainda sobre esse prisma, Castells (2003) pontua que a internet, atrelada ao ciberespaço, foi um meio criado para a liberdade, porém ao longo de seu desenvolvimento foram incorporados mecanismos de vigilância. Segundo ele as tecnologias de controle se fundamentam em três pilares: tecnologias de identificação (inserção de marcadores digitais para verificação da origem e comportamento dos interagentes), vigilância (interceptação de dados seguida da instalação de marcadores que monitoram os fluxos de informação) e investigação (reunião de informações em bancos de dados, que combinadas podem ser usadas para análise), decretando assim o fim da privacidade. Todavia, o que vai marcar o universo do ciberespaço é o imaginário *cyberpunk*, embasado pela luta contra o poder, acesso livre à informação e à tecnologia e a autonomia (LEMOS, 2002), de modo a contestar a dominação estabelecida.

Tal processo se traduz de forma acelerada devido à compressão da relação espaço x tempo observado no ciberespaço. Pierre Lévy (2000) aponta que esse lócus conduz a interconexão de tudo em tempo real. Nesse sentido, o conceito foucaultiano se reafirma

pelo fato de não ser baseado na durabilidade, tampouco na manutenção, o que é validado pela efemeridade dos movimentos que contradizem a ordem e os instrumentos de controle.

Além disso, a concepção de tempo real possibilita a celeridade na troca de informações, o que altera a percepção da temporalidade. Foucault (1984) usa como exemplo para a heterocronia, bibliotecas e museus que funcionam como arcabouço para a sobreposição do tempo. Vinculados ao ciberespaço e ao aperfeiçoamento constante das novas tecnologias de informação e comunicação, dispositivos para armazenamento, processamento e análise de conteúdos, tem sua capacidade amplificada ressignificando a memória o que altera de sobremaneira as relações humanas.

Considerações finais

Nesse horizonte, pensar o ciberespaço como consequência do desenvolvimento tecnológico é um caminho para se compreender o processo de subjetivação do homem contemporâneo.

Em razão disso, observou-se aqui uma breve análise das imbricadas e multifacetadas características do ciberespaço, este que vem reconfigurando as formas e as normas. De maneira sucinta, buscou-se analisar tal campo como espaço de inversão a partir da cibercultura e seus reflexos acerca de complexos como hegemonia, entropia e cibersocialidade; territorialização, desterritorialização e reterritorialização; controle, vigilância e contrapoder e tempo, espaço, mobilidade e ubiquidade. Em algumas linhas, o objetivo foi explanar como o ciberespaço provoca novas condutas frente a conceitos tradicionais de se pensar o social com relação à racionalidade técnica e o rompimento da visão sistêmica moderna, perspectiva possibilitada pela articulação de atores em rede.

A hipercomplexidade do referido fenômeno se traduz em novas reorganizações, sistemas de conexões ubíquas, artefatos mais dinâmicos e funcionais, o que oferece um prisma vasto e enigmático para se conceber teorizações. Por esse motivo, a imersão contínua para entendimento do processo se mostra necessária encaminhada por uma concepção interdisciplinar da comunicação, que, como já foi observado, é ativa e rizomática no universo do ciberespaço.

Referências Bibliográficas

ALÓS, Anselmo Peres. **Heterotopias hipertextuais:** Escrevendo mundos digitais em La ansiedad e Keres cojer? = guan tu fak. *Ípotesi*, Juiz de Fora, v. 14, n. 1, p. 69 - 80, jan./jul. 2010

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet:** reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003

_____. **A sociedade em rede.** São Paulo: Paz e Terra, 1999;

_____. **The rise of networking society.** Oxford. Blackwell. Publishers, 1996. *The Information Age Economy, Society, and Culture*, v. 1

DEBORD, GUY (1997). *A Sociedade do Espetáculo.* Rio de Janeiro: Contraponto.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs.** Capitalismo e esquizofrenia 2, vol 1. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. - São Paulo: Editora 34, 2011, (2ª Edição). 128 p.

DELEUZE, Gilles. **O que é um dispositivo?** In: Michel Foucault, filósofo. Barcelona: Gedisa, 1990, pp. 155- 161. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento.

FOUCAULT, Michel. **Outros espaços.** In: *Ditos e escritos III - Estética: Literatura e pintura, música e cinema.* Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003, p. 411-422.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade.** Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Unesp, 1991.

HAESBAERT, Rogério. **Territórios alternativos.** Niterói: Eduff; São Paulo: Contexto, 2002.

LATOUR, Bruno. **Reagregando o social:** uma introdução à Teoria do Ator-Rede. Trad. Gilson César Cardoso de Sousa. Salvador/Bauru: Edufba/Edusc, 2012.

LEMOS, André; CUNHA, Paulo (orgs). **Cibercultura.** Alguns pontos para compreender a nossa época. *Olhares sobre a Cibercultura.* Sulina, Porto Alegre, 2003; pp. 11-23

LEMOS, André. **A comunicação das coisas:** teoria ator-rede e cibercultura. São Paulo: Annablume, 2013.

_____. **Cibercultura:** tecnologia e vida social na cultura contemporânea.- Porto Alegre: Sulina, 2002, 328 p.

_____. **Cibercultura e Mobilidade.** A Era da Conexão. Disponível nos Anais eletrônicos do XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação INTERCOM, Rio de Janeiro, 2005: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/r1465-1.pdf> Acesso em 03/07/2016

_____. **Ciberespaço e tecnologias móveis.** Processos de Territorialização e Desterritorialização na Cibercultura. Disponível nos Anais eletrônicos do 15º Encontro Anual da COMPÓS - Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação. UNESP, Bauru, 2006: <https://formatandoconhecimento.wikispaces.com/file/view/Ciberespa%C3%A7o+e+Tecnologias+M%C3%B3veis++Andre+Lemos.pdf> Acesso em 05/07/2016

_____. **Ciber-socialidade:** tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Logos: Comunicação e Universidade. V.4, n.1, 1997. p 15-19. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/14575/11038> Acesso em 04/07/2016

_____. **Espaço, mídia locativa e teoria ator-rede.** Galaxia (São Paulo, Online), n. 25, p. 52-65, jun. 2013.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** São Paulo: Editora 34, 1999

_____. **O ciberespaço como um passo metaevolutivo.** Revista Famecos, nº 13 v. 2, 2000, p. 59 - 67

_____. **O Que é o Virtual?** Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos:** o declínio do individualismo nas sociedades de massa. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998

THOMPSON, John B. **A Mídia e a modernidade:** Uma teoria social da mídia. Petrópolis/RJ: Vozes, 1998

VALVERDE, Rodrigo R. H. F. **Sobre espaço público e heterotopia.** Geosul, Florianópolis, v. 24, n. 48, p 7-26, jul./dez. 2009